



BIANCA CAMARGO MARTINS
(ORGANIZADORA)

O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
CAPÍTULO 2	12
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
CAPÍTULO 3	45
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
CAPÍTULO 4	57
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
CAPÍTULO 5	70
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
CAPÍTULO 6	82
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
CAPÍTULO 7	93
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

CAPÍTULO 8	104
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915108	
CAPÍTULO 9	120
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.0791915109	
CAPÍTULO 10	136
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151010	
CAPÍTULO 11	147
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151011	
CAPÍTULO 12	159
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELAÇADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
DOI 10.22533/at.ed.07919151012	
CAPÍTULO 13	169
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.07919151013	
CAPÍTULO 14	182
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
DOI 10.22533/at.ed.07919151014	

CAPÍTULO 15	191
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
DOI 10.22533/at.ed.07919151015	
CAPÍTULO 16	200
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.07919151016	
CAPÍTULO 17	212
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
DOI 10.22533/at.ed.07919151017	
SOBRE A ORGANIZADORA	225
ÍNDICE REMISSIVO	226

RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA

Samir Set El Banate

Universidade José do Rosário Vellano,
Departamento Arquitetura e Urbanismo, Alfenas,
Minas Gerais.

Manoel Lemes Silva Neto

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas), Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação
em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas,
Ambientais e de Tecnologias, Campinas, São
Paulo.

Julia Naves Teixeira

Universidade José do Rosário Vellano,
Departamento de Engenharia Civil, Alfenas, Minas
Gerais.

RESUMO: Esse artigo demonstra a importância dos conceitos imputados na modernidade, principalmente da arquitetura moderna, como elemento estruturador do projeto da arquitetura brasileira a partir do século XX e que na virada para o século XXI esses princípios se alteram, mas mantém uma coerência com o projeto moderno. O instrumento de reflexão desse texto é a revisão bibliográfica crítica que estabelece a base da análise e possibilita uma investigação qualitativa da arquitetura moderna brasileira. O texto propõe uma reflexão sobre o projeto moderno e a construção das cidades, seguido da possível construção histórica da arquitetura brasileira do período e as relações dos projetos

e seus objetivos. O resultado da investigação no cenário nacional da arquitetura demonstra semelhanças entre as “escolas” e caminhos que orienta a produção historicamente pautada. Os edifícios estudados estabelecem uma relação de “hierarquia e privilégio” com os espaços públicos e com os elementos urbanos que são incorporados aos projetos da arquitetura brasileira na virada do século XXI, fruto da herança cultural da arquitetura moderna. Apesar disso, houve de fato uma mudança de atitude projetual e um modo inédito da forma como esta relação é proposta.

PALAVRA-CHAVE: Arquitetura brasileira; Arquitetura moderna; Arquitetura contemporânea; Edifício e Cidade.

MODERNITY CULTURE RELEVANCE AT THE TURN OVER THE 21ST CENTURY IN BRAZILIAN ARCHITECTURE

ABSTRACT: This article demonstrates the importance of concepts imputed in modernity, especially of modern architecture, as a structuring element of the project of Brazilian architecture from the twentieth century and that at the turn to the 21st century these principles change, but maintain a coherence with the concept. Modern design. The reflection instrument of this text is the critical bibliographic review that establishes

the basis of the analysis and enables a qualitative investigation of the modern Brazilian architecture. The text proposes a reflection on the modern project and the construction of cities, followed by the possible historical construction of the Brazilian architecture of the period and the relations of the projects and their objectives. The result of the investigation in the national architecture scenario shows similarities between the “schools” and paths that guide the historically guided production. The studied buildings establish a relationship of “hierarchy and privilege” with the public spaces and the urban elements that are incorporated into the projects of Brazilian architecture at the turn of the 21st century, the result of the cultural heritage of modern architecture. Nevertheless, there has indeed been a change in design attitude and an unprecedented way in which this relationship is proposed.

KEYWORD: Brazilian architecture; Modern architecture; Contemporary architecture; Building and City.

1 | INTRODUÇÃO

Marcos e saltos históricos no âmbito da cultura são possíveis pela vinculação de pontos de inflexões determinados pela possibilidade analítica em relacionar atitudes e circunstâncias, conforme aponta Bastos em artigo sobre dois períodos distantes no tempo em 50 anos. “Divergência teórica importante entre os dois períodos e que pode estar relacionada ao relativo enquadramento formal da produção brutalista diz respeito à cidade”, ao analisar as obras de 1960 e as obras de 2010 em “1960-2010: meio século de distância” (BASTOS, 2013).

Nos anos de 1960, havia um ideário de que a arquitetura moderna demandava uma nova estrutura urbana. Apesar da falta de consenso, como demonstrado no concurso de Brasília (BASTOS & ZEIN, 2011, p 63), entre as diversas e divergentes propostas apresentadas, alguns princípios são elencados como comuns à época. Havia a preocupação em romper com as quadras convencionais e a ideia de lote; para isso, o edifício não poderia estar em consonância com lote e se implantava de modo a imaginar uma continuidade espacial, favorecendo a construção em blocos em função da topografia e da orientação solar, afastados entre si, em meio a áreas verdes que incorporavam os edifícios: “havia [...] um comprometimento com a tese da cidade moderna” (BASTOS, 2013, p 06).

O resultado desse comprometimento foi que “os edifícios [...] se relacionavam com um número relativamente limitado de elementos [...] não demandavam uma estreita interação com o tecido edificado” (Ibid., p 02).

Em 1951, na Europa, o CIAM intitulado “Coração da cidade” apresenta a pauta do centro da cidade como espaço de sociabilidade e troca humana na cidade moderna. Brasília tenta absorver esses preceitos modernos e a ideia de sociabilidade, implantando a rodoviária no centro geográfico da cidade. No “marco zero” está o cruzamento entre os eixos: monumentais e rodoviários.

2 | A CIDADE MODERNA E A CIDADE EXISTENTE

Nas cidades brasileiras houve a construção de diversos bolsões do urbanismo moderno em conjuntos habitacionais, centros cívicos e cidades universitárias, mas o nível de comprometimento com a cidade moderna estava no edifício e não no interstício entre edifício e a cidade existente.

A dimensão de alguns edifícios, em 1960, configurava a quebra da escala no tecido convencional das cidades brasileiras. A horizontalidade proporcionada por alguns edifícios teve 150 a 200 metros de projeção no solo; exemplo maior é o edifício de Niemeyer para o campus da UnB, chegando a 720 metros de extensão. Esse princípio de cidade, espraiada, é compatível com a escala do automóvel e os diversos termos do discurso (praça, rua e passeio) compunham os espaços adjacentes dos grandes blocos, que “pareciam propor uma urbanidade à margem da cidade existente e historicamente constituída” (BASTOS, 2013, p 06).

Nos anos de 1970/80, a visão de que o urbanismo moderno não poderia se sobrepor à cidade existente e os problemas apontados como os espaços residuais, o espraiamento das cidades, a violência nos grandes centros, a falta de políticas de habitação e, conseqüentemente, o crescimento de assentamentos informais alteram a realidade da cidade existente, bem como da cidade idealizada pela modernidade. Encontra-se um novo paradigma a ser transposto, ao mesmo tempo, as ferramentas de gestão urbana começam a ser incorporadas aos processos de controle urbano, alterando o urbanismo para o status de planejamento.

Há necessidade de recompor o território e conectar a cidade através de um trabalho de arquitetura em “costurar” as diversas configurações que se estabeleceram.

A divergência que aponta Bastos entre o século XXI e o século XX, num gigantesco salto histórico da análise, seria: a idealização da cidade moderna e a predominância do automóvel em territórios espraiados versus a cidade compacta; e os valores da noção de arquitetura como composição com o existente em justaposição com a arquitetura de diversos períodos.

A transição entre os períodos pela vinculação cultural da arquitetura brasileira se mostra muito diferente daquela arquitetura em busca da brasilidade e, agora, se preocupa com valores da modernidade já consolidados, mas em atitude renovada. A mescla de valores universal e regional não mais é ênfase do debate. A escala dos problemas, e as teorias sociais e antropológicas recolocam o paradigma de volta ao campo do urbanismo pela possibilidade limitada de transformação da cidade que a condição do lote impõe ao planejamento e que esse acolhe como regra e princípio em estratégias de gestão.

Apesar das diversas tentativas de construir rupturas no cenário nacional da arquitetura, Bastos, no artigo “A afirmação de uma feição nacional e outros caminhos” (BASTOS, 2005), demonstra as diversas semelhanças entre as “escolas” e caminhos que ora se aproximam e ora se afastam, mas cujo discurso de uma identidade

nacional, na valorização da tecnologia e preocupações ideológicas “marxistas”, orienta a produção historicamente pautada.

3 | A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA ARQUITETURA BRASILEIRA

A afirmação sobre a construção da continuidade histórica da arquitetura nacional ser “fruto de uma montagem crítico teórica [...] por meio da historiografia [...]” ocorrida nos anos 50, possui sua defesa na continuidade histórica da arquitetura brasileira desde o MESP-RJ até os anos 1980. Esta constitui uma unidade que perfaz o território nacional, sendo caracterizada por uma arquitetura moderna própria, definida como arquitetura moderna brasileira e cuja análise foi feita em cunho atemporal.

A descrição de Tozzi e Pedrosa (apud BASTOS, 2005) enaltecendo a arquitetura nacional pelo emprego da linguagem plástica em superação ao modelo funcionalista, na leveza dos edifícios e proezas estruturas. A defesa, ainda mais audaciosa, é de a arquitetura nacional ter atingido uma independência ou “autossuficiência” em relação ao cenário e cultura internacional. Esse pensamento é colocado como uma recusa em indagar a prática da produção contemporânea, buscando as mesmas características que orientaram a produção nacional, criando um vazio conceitual na disciplina e “gerando a noção de uma aparente suspensão histórica” (BASTOS, 2005, p 04).

Após a abertura de caminho proposto por Artigas no edifício da FAU-USP, a arquitetura paulista nos anos 1970 volta-se a uma visível preocupação em retomar o caráter da arquitetura nacional “em afirmar uma feição própria para a arquitetura moderna brasileira (...) buscou uma visão conciliatória entre as experiências paulista e carioca” (Ibid., p 06), posição que tenta conciliar e consolidar uma resposta como se ambos os movimentos tivessem vinculados a um mesmo momento histórico-cultural válido.

Neste amálgama, entre o Ministério da Educação e o texto “O Desenho” de Artigas, entre a crítica aos programas e a procura da beleza, entre a tarefa do desenvolvimento e um nível poético livre e inventivo, se procurou forjar uma “tradição” da arquitetura moderna brasileira. (Ibid., p 07).

As revistas da época demonstram a divergência entre as duas propostas como modelos de desenvolvimentos nacionais, onde se polarizava a busca pelo desenvolvimento nacional num esforço em encontrar a linguagem que fosse compatível com a industrialização pela racionalidade construtiva e que apostava a valorização na livre expressão formal.

A lacuna não havia sido investigada, a época que poderia ser uma ligação entre as obras “clássicas” da arquitetura moderna nacional e a arquitetura da década de 1970. A ideia de repetição da unidade estrutural-espacial como proposta a um país em transformação, onde os espaços, mais do que configurar uma identidade, pudessem se adaptar às novas condições e evitar a obsolescência das obras. Ou seja, o processo de desenvolvimento nacional nunca foi abandonado, mas passa

por revisões, buscando, nas bases da arquitetura moderna brasileira, responder as preocupações da época.

Da mesma forma que a busca pela identidade possa ter sido, num primeiro momento, o processo de desenvolvimento, num segundo, passa à racionalidade da construção. Neste caso da década de 1970, a possibilidade de crescimento e flexibilização da arquitetura postula um espaço baseado na ideia de célula e unidade espacial estrutural, numa revisão do espaço contínuo moderno. As obras para a estação ferroviárias da Cia Mogiana de Oswald Bratke, o projeto da Universidade Católica do Paraná de Sergio Bernardes, o edifício da Superintendência da Zona Franca de Manaus de Severiano Porto e o Centro de Abastecimento de Porto Alegre de Araújo, Fayet, Comas, Gaudenzi e Dieste são exemplos dessa proposta.

Essa leitura começa de fato a ser escrita a partir dos projetos da década de 1980/90, após a retomada da cidade “real” e o pretendido “fim da modernidade”. Apesar do proclamado “fim”, é nesse momento que o trabalho de Mendes da Rocha e dos arquitetos dessa geração encontram a cidade em projetos de infraestrutura e equipamentos; o MUBE pode ser inserido nesse quadro.

Mas o fato que marca a hipótese de estabelecer uma unidade à arquitetura nacional frente às correntes que não compartilham desse panorama, mas que também não se constituíram como tradição da arquitetura brasileira, é o concurso para o Pavilhão de Sevilha, em 1992. Talvez o momento mais diverso da arquitetura nacional, o concurso referia-se, segundo Segawa (BASTOS, 2003, p. 242), a uma construção que expressasse, enquanto monumento, a excelência da arquitetura nacional, representando-a como referência exemplar. Outro ponto importante no edital do concurso era a flexibilidade do edifício e sua reciclagem em um Centro Internacional Tecnológico, além de ser compatível com sua construção em oito meses. O júri do concurso contava com a presença de Mendes da Rocha.

O memorial do projeto vencedor (equipe formada pelos arquitetos: Ângelo Bucci, Álvaro Puntoni, José Oswaldo A. Vilela) ressaltava a importância da orientação da cultura brasileira e, para este, o que haveria de original na arquitetura brasileira seria a construção de espaços amplos de uso coletivo, devendo o edifício ser aberto, “um convite ao descobrimento”. No térreo, o piso se confunde com o piso de Sevilha e se transforma em rampas, claras citações literais ao edifício da FAU-USP e ao Pavilhão de Osaka (Figura 41).

As críticas ocupam as revistas nos meses que se seguem, e o projeto reabre novamente o tema da tradição da arquitetura brasileira, conforme revela a ata do júri: simplicidade formal; concisão na resolução de programa, característico da arquitetura brasileira; a consciência sobre as relações do homem com a natureza e na ocupação do espaço; afastando-se do imediatismo simbólico, do uso da tecnologia e das soluções rebuscadas.



Figura 01 – Maquete do Projeto do Pavilhão de Sevilha, na EXPO 92. Fonte: Escritório SPBR.

Nesse período, havia a tentativa de instauração da arquitetura pós-moderna, mas a contestação da arquitetura moderna não atinge seus princípios (SEGAWA apud BASTOS, 2003, p 255). Era como atitude de reação a uma pretensa modernidade da história oficial, que propôs a “afirmação da arquitetura moderna no país”, mas que construiu mitos e injustiças. Ceça de Guimaraes (BASTOS, 2003, p 256) revela essa injustiça em declaração de protesto, dizendo que, no “lugar de indivíduo, foram indivíduos arquitetônicos que fizeram a complexa revolução cultural do modernismo”. E Ricardo Marques (Ibid., p 257) aponta a suposta atitude moderna de fato, sendo uma postura inversa ao do renascimento como disciplina específica e que deveria ser orientada em bases renovadas como o urbanismo.

O livro “Coletivo: 36 projetos de arquitetura paulista contemporânea” (MILHEIRO, NOBRE & WISNIK, 2006) é uma tentativa de constituir uma unidade da geração formada anos 1980/90 na FAU-USP.

No período, “procurou-se contemporizar a multiplicidade de tendências” (ZEIN apud MILHEIRO, 2006, p. 88), não havendo a necessidade de heroísmo na arquitetura, uma vez estabelecida a relevância da arquitetura brasileira, mas haveria uma tentativa de corrigir “erros” históricos da construção da tradição da arquitetura sobre alguns poucos personagens e não gerações. A geração 1980/90 se apropria desse discurso e o opera numa renovação de linguagem da herança deixada da modernidade.

Milheiro (2006, p. 89) comenta a aproximação desse período: “é Junqueira Bastos quem permite avançar, ao colocar o projeto do Pavilhão do Brasil para Expo 92, em Sevilha, no eixo final da trajetória pós-Brasília” e complementa que a crítica que o projeto recebe “acaba por deslocá-lo para a etapa seguinte”, colocando-o para dentro da história da arquitetura brasileira pelo debate gerado, pelas referências explícitas do projeto e pela disponibilidade de uma geração “para a prospecção de pistas que resgatem uma história e engendrem um futuro”, que estava amortecido após os vários anos de sentimento de fracasso devido às críticas dos períodos anteriores. O debate produz uma “delimitação do que está dentro ou fora do enquadramento cultural traçado pela modernidade brasileira”.

A sugestão de Milheiro de que há uma “geração reunida em Coletivo”, não apresenta de fato uma geração trabalhando em torno dos mesmos projetos, mas em torno de questões e, principalmente, com as mesmas referências “em torno de personagens fundadores da arquitetura paulista, criando um espírito de coesão”.

Neste sentido, as questões contemporâneas, cuja geração gravita em torno, apontam para um discurso social na prática arquitetônica recolocando o enfoque “na abordagem da arquitetura como uma infraestrutura urbana” – os argumentos elencados são: a “carência generalizada” que vive o país; a cidade sendo o centro do debate muitas vezes contrário aos interesses correntes; tensão existente entre a realidade urbana e as barreiras encontradas para uma cultura de espaços públicos justificada no discurso da cidade compacta ou na densa ocupação “consolida a opção pela urbanidade”; desencadeando de ações só poderiam se efetivar através do planejamento das infraestruturas da região. Assim, “começa a criar um corpo teórico em torno das questões do território” (Ibid., p. 90).

Apesar da ideia do desenvolvimento das condições atuais da cidade, bem como uma visão de cultura da modernidade, as respostas são um tanto diferentes das sugeridas pelos fundadores. O que, de fato, incita uma preservação de princípios e não de modelos: a concepção de cidade compacta é antagônica à cidade espraiada; a ideia de regeneração do território através da inclusão do construído como parte fundamental do processo difere da “tradição moderna brasileira convocada para fazer ‘cidade nova’ na lógica do desenvolvimento do interior” (Ibid., p. 91).

4 | A MODERNIDADE NO SÉCULO XXI

Não se trata mais de construir novas cidades ou de começar do zero, mas de resolver a metrópole. Contudo, é verossímil o fato da “existência de um capital teórico que não teve a oportunidade de ser testado através da aplicação contínua” (Ibid.). Entretanto, a influência que estas reflexões terão sobre os projetos de menor escala são significativas. Assim, podemos apenas intuir sobre o fato ou fazer uma análise preliminar baseada nos modelos anteriores. De certo, os grandes projetos em escala são postos para resolver um conjunto de problemas da escala da metrópole, suprimindo a escala local. Apesar dessas respostas ainda serem teóricas, pois ainda não temos concretizado nenhum projeto em escala, é certo que os projetos que constituem o pensamento de corpo teórico nascem em projeto de menor escala.

A presença de Mendes da Rocha, tanto no debate como nos trabalhos, reforça o vínculo com o período. Mas este fato também instaura um novo ponto do qual só seria possível inaugurar tendo o que existia antes. O projeto do MUBE instaura essa nova postura, não sendo mais uma síntese da postura moderna, mas uma interpretação crítica sobre a modernidade, instaurando a fundação de uma contemporaneidade.

Ao mesmo tempo, a autonomia apresentada pela arquitetura brasileira em

relação ao cenário internacional mostra a capacidade de abrir novos rumos vinculados à “vitalidade da cultural enraizada”, garantindo sua independência dos conceitos exportados dos movimentos europeus e estadunidenses.

A importância da atenção e da consciência da carga pragmática que existe dentro da cultura brasileira são elementos que norteiam e configuram o trabalho dessa geração numa “noção de clássico” (Ibid.). Essa hipótese lançada incorpora as conquistas que a arquitetura brasileira alcançou por direito, mas há uma tensão natural do período atual com novas abordagens culturais, essa tensão seria a chave das contribuições individuais.

Nos projetos desenvolvidos no período, duas abordagens representam a vontade de pertencimento a uma “escola”, presentes nos resquícios da modernidade e na impossibilidade de fugir ao problema premente do cenário cultural atual. O edifício único e compacto, com volume denso, representa a primeira abordagem, enquanto a vontade de criar o ambiente urbano atrás da arquitetura ou dos elementos arquitetônicos e a impossibilidade de intervenção em escalas maiores constituiria a segunda.

Neste exemplo, estaria os projetos de Bucci e Puntoni após o Concurso de Sevilha, segundo Milheiro:

[...] moldam-no a um limite quase formalista [...] encontrando nos dispositivos da forma um modo de contrariar o ascetismo e a abstração que são vistos como o maior capital da arquitetura paulista [...] transforma imagens modernas em alegorias [...]. O arquétipo é aqui assumido no seu valor iconográfico. (Ibid., p 95).

Apesar das inúmeras teses e dissertações sobre a situação atual das nossas cidades, o posicionamento de Mendes da Rocha para essa questão constitui uma lúcida avaliação da oportunidade desperdiçada e as incoerências das ações atuais na construção do território e da cidade.

Nos anos 1990, ao mesmo tempo em que ocorre a consolidação espacial da cidade, as grandes infraestruturas são finalmente construídas, ocorre uma crise do modelo de segregação. Apontado por Recamán (*apud* PISANI, 2013, p. 371), um paradoxo da crise era “o risco de qualquer melhoria nas áreas centrais [...] traduz na expulsão das classes menos favorecidas”, perspectiva que ocorre de modo contrário. À medida que a infraestrutura chega à cidade, as classes de alta renda a abandonam, migrando para universos herméticos nas periferias. Essa postura é uma “transformação da conjuntura da lógica urbana”; junto a ela, existe também, segundo Pisani, a “dramática eliminação dos espaços públicos” (PISANI, 2013, p. 271).

Villac é uma pesquisadora da obra de Mendes da Rocha que escreveu diversos artigos e livro sobre o arquiteto. Apontamos um texto intitulado “O preceito coincidente entre cidade e arquitetura” (artigo publicado no IV Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura – PROJETAR, 2009), pois direciona o debate ao assunto que está sendo apresentado.

Neste texto, a autora começa afirmando a estreita relação existente entre a arquitetura moderna e a cidade, dizendo que, para a arquitetura moderna, “o projeto não

é o edifício, mas a cidade”. O que de fato é uma verdade do ponto de vista de Anatole Kopp, em seu livro “Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa” (1990), cujo debate recai sobre a tarefa da arquitetura em uma tentativa de transformação da sociedade na modernidade. Este objetivo só poderia ser realizado na transformação do modo de vida e, com isso, dos modelos dos espaços habitados, as cidades, que, até o momento, não representariam esse ideal de modernidade.

A cidade é este horizonte do projeto moderno na relação de interdependência entre o edifício e o ambiente urbano, porém o resultado seria a somatória das tipologias edificadas. Por isso, haveria a necessidade de uma retomada crítica da “estruturação urbana desde a visão de totalidade como um olhar crítico sobre a obra isolada” (VILLAC, 2009).

Neste sentido, alude à ideia contrária aos espaços genéricos e a um comprometimento na concepção de espaços para dinâmica da convivência. O artefato estaria comprometido com a estrutura urbana e com a experiência dos espaços urbanos, pois é “o elemento mínimo de uma forma de organização global que identifica e organiza escalas graduais e instrumentos parciais de intervenção que se estendem até a amplitude da estrutura cidade” (Ibid.). O procedimento para constituir a forma do artefato abarca escala mais ampla na dinâmica “intra” e “extra” arquitetônica. O interesse passa ser não apenas a arquitetura como elemento construído, mas as relações que estabelece ao interpretar e construir a cidade.

Para o arquiteto Mendes da Rocha, o edifício constrói a cidade, pois esse tem um impacto na configuração espacial existente e com isso pode permitir ou não certos privilégios em detrimentos de outros: permeabilidade, conexão, integração. A preocupação com a implantação, no caso específico do MUBE, demonstra ser o primeiro aspecto disciplinar na relação entre o espaço construído e a cidade.

5 | HERANÇA CULTURAL E OUTRAS PERSPECTIVAS

“Construir a cidade é uma tarefa tanto como uma herança”, ao mesmo tempo em que a arquitetura lida com uma herança existente, o valor de crítica se torna ferramenta analítica, negação ou afirmação da transformação do traçado em grelha ou da obra isolada. Como exemplo, edifício-ponte da Praça dos Museus da USP, assim como o Sesc Taubaté: estes edifícios estabelecem uma relação de “hierarquia e privilégio” com os espaços públicos, ou porque proporcionam uma abertura direta e efetiva ao espaço coletivo no tecido urbano ou porque, na propriedade privada, garantem a permeabilidade visual do espaço público pela estrutura sobre pilotis. O edifício-ponte é uma tipologia que se contrapõe à tipologia da quadra, ao passo que o edifício sobre pilotis estabelece uma relação de proximidade entre o espaço privado e público, e “pode ser exemplar ao negar a quadra como elemento estruturador e organizador do espaço da cidade” (VILLAC, 2009).

Os elementos urbanos da cidade tradicional, como praças, ruas e monumentos, são os elementos que constituem, na cidade, os espaços públicos. Atribuir ao edifício componente urbano “ênfata a importância da dinâmica da cidade como objeto de investigação”. Nas formas paradigmáticas de manifestação da experiência e sociabilidade urbana: ruas são estruturas urbanas de circulação e adquirem no projeto caráter de percurso e trajeto, união entre os espaços e *promenade architectural*; e a praça é um vazio que orienta o edifício e localiza o lugar de encontro e convivência, espaço de práticas sociais, o lugar de permanência. Estes espaços, ao penetrarem no programa do artefato, cumprem o papel estruturador de espaço aberto de grande significado social.

Além da incorporação de componentes urbanos, estruturas mínimas das cidades tradicionais, nos edifícios como praças, ruas e monumentos, estes têm uma importância na definição da organização interna do edifício, influenciando na configuração da planta. Os elementos que definem a estruturação dos espaços da cidade são incorporados aos espaços privados de intimidade em simbiose entre as dimensões públicas e privadas e na configuração do edifício e da cidade.

O modelo da cidade moderna, com os edifícios isolados, libertos da quadra, não possui uma morfologia de espaço urbano, de rua, praças, avenidas, largos, mas volumes e objetos pousados no território. A ênfase do projeto está na autonomia do objeto arquitetônico em relação ao território e menos na incorporação das estruturas da cidade tradicional, uma vez que o princípio que rege a arquitetura moderna é a construção dos espaços da modernidade e da sociedade que se pretende, sendo contrárias às ideias de cidade e sociedade até então (LEAL *apud* VILLAC, 2009).

Mas o modelo da cidade moderna encontra, na atualidade, teses que defendem o projeto moderno como uma construção da noção de lugar (GUIRÃO *apud* SOUTO, 2010). “A modernidade que não recusa a cidade tradicional” coloca Villac, complementando que a relação de interdependência do edifício em relação à cidade e a introversão dos espaços internos dos elementos estruturadores da cidade tradicional colocam-se como tentativas de compreensão das contradições e potenciais dos dois modelos.

Assim como Villac, Souto (2010) faz um esforço de codificação da obra de Mendes da Rocha e aponta atitudes projetuais constantes que seriam, de forma mais detalhada, as atribuições da estrutura urbana no projeto arquitetônico. Outra tentativa de convergência são textos (MARQUES & COTRIM, 2014) que tratam dessa incorporação dos elementos urbanos pelos edifícios, mas, nestes, o edifício parece ser a ênfase do espaço e os elementos urbanos são alegorias; exemplo disso é a nomenclatura que se estabelece para estes espaços, “edifício-praça”, numa tentativa de aproximação e da criação de uma categoria ainda “inédita” na arquitetura, que pretendemos aqui refutar, por entender que o edifício tem esse caráter, em diversas variações, desde o início da arquitetura, como Bruno Zevi (1996) expõe.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do período a partir de Mendes da Rocha no Brasil não pode ser negado. Há, de fato, uma mudança de atitude projetual, apesar de previsto na arquitetura, desde os primeiros monumentos gregos às grandes catedrais, em sendo a relação do espaço interior e exterior. O que se torna inédito é a forma como esta relação é proposta, muito porque o que propicia esta organização é a própria configuração da cidade e, no caso específico das cidades atuais, esta configuração é distinta das cidades antigas pelo somatório das diversas camadas temporais e históricas sobrepostas e justapostas.

A herança cultural da arquitetura moderna é incorporada aos projetos na virada do século XXI, na arquitetura brasileira. Essa nova postura é encontrada no MUBE, mas tem uma clara apresentação no projeto vencedor do concurso de Sevilha em 1992. Os arquitetos que compõe o projeto e sua geração utilizam os princípios desenvolvidos no projeto moderno e os incorporam aos projetos contemporâneos, não num deslocamento ingênuo e purista, mas numa revisão crítica e propositiva.

Os elementos urbanos que são os elementos que constituem os espaços públicos são incorporados ao projeto, os edifícios estabelecem uma relação de “hierarquia e privilégio” com os espaços públicos. Além dos componentes urbanos, as estruturas mínimas das cidades tradicionais também são incorporadas nos edifícios como praças, ruas e monumentos. Estes têm uma importância na definição da organização interna do edifício, influenciando na configuração do espaço.

REFERÊNCIAS

KOPP, A. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo SP, Nobel, 1990.

BASTOS, M. A. J. **Pós-Brasília**: rumos da arquitetura brasileira: discurso prática e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. A afirmação de uma feição nacional e outros caminhos. **Anais: XII Seminário Docomomo Brasil**, São Carlos, pp. 27-30 out 2005.

_____. 1960-2010: meio século de distância. **Anais: X Seminário Docomomo Brasil**, Curitiba, 15-18 out 2013.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. Brasil: arquitetura após 1950 em quatro temas. **ENANPARQ**, Rio de Janeiro, novembro/dezembro 2010.

_____. **Brasil**: arquitetura após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARQUES, S.; COTRIM, M. Edifício Praça: entre o público e o privado. **Anais: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, 20 a 24 outubro 2014.

NOBRE, A. L.; WISNIK, G.; MILHEIRO, A. V. **Coletivo - 36 projetos de arquitetura paulista contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

PISANI, D. **Paulo Mendes da Rocha**, Obra Completa. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

SOUTO, A. E. M. **Projetos arquitetônicos e a relação do lugar na obras de Paulo Mendes da Rocha 1958-2000. 2010.** Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VILLAC, M. I. Obras e discursos da cidade e o imaginário da cidade: a arte, o construtor, o poeta, o filósofo e o arquiteto. **Cadernos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo**, v. 1, n. 6, 2006. São Paulo.

_____. O preceito coincidente entre arquitetura e cidade. **Anais: IV Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura - PROJETAR 2009**, São Paulo, out 2009.

ZEIN, R. V. **Arquitetura da escola Paulista Brutalista: 1957-1973.** Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

N

Neurbanism 82

P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

U

Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-707-9



9 788572 477079